

Os historiadores ligados a certa vertente da historiografia apontam dificuldades com temáticas relacionadas à história recente. Argumentam que é necessário um distanciamento temporal para que o *olhar* da ciência historiográfica possa compreender os fenômenos históricos.

O Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará e Doutor em Sociologia, José Gerardo Vasconcelos, com propriedade refuta, brilhante e empiricamente, a tese dessa corrente de historiadores com a instigante obra *Memórias do silêncio: militantes de esquerda no Brasil autoritário*. A tese de doutorado do supracitado sociólogo editada pela Edições UFC, possui dentre outros, esse mérito.

Ademais, como bem observa Santo Agostinho em *As confissões*, o Prof. Vasconcelos parece adentrar e conduzir-nos aos vastos palácios da memória com esse escrito mnemônico. Estribado na perspectiva da historicidade descontínua em Walter Benjamin e na multiplicidade - e portanto disputa - da memória em Michel Pollak, VASCONCELOS descortina os enredos de história de vida de militantes e familiares destes, tendo como pano de fundo os cenários da conjuntura sociopolítica de duas décadas (60-70) do regime autoritário no Brasil. O objetivo da obra consiste na análise da memória dos militantes da esquerda brasileira no período já mencionado. Os resultados são uma lúcida sistematização de dados sobre as memórias afloradas e outras vezes silenciadas; e uma vigorosa análise dessas memórias recuperadas dos aludidos sujeitos sociais, cuja riqueza pode ser apreciada com a leitura desse escrito mnemônico de raro valor sociológico e histórico.

As premissas do Prof. Doutor Vasconcelos residem numa arqueologia da memória, seja na perspectiva teórica, seja através do *olhar* sociológico-empírico. Com esse par metodológico o autor faz - com apoio

dos registros e testemunhos de seus depoentes - uma originalíssima narrativa dos fatos históricos recentes da esquerda brasileira nos nomeados *anos de chumbo*.

Ainda que privilegie autores como Pollak e Benjamin em suas análises, VASCONCELOS como que um arqueólogo-sociólogo, aponta e recupera registros e fragmentos teóricos sobre a memória em Epicuro (341-270 a. C.) e Santo Agostinho (354-430); e ainda retoma as reflexões teóricas sobre a memória de pensadores modernos como Nietzsche, Proust, Bergson e Freud, dentre outros.

Por outro lado, na dimensão empírica desse *fato social total* é que emergem e saltam das páginas desse escrito mnemônico os personagens em seus relatos carregados de sensibilidade, de sonhos, de dores, de utopias, de rancores, de ressentimentos, arroubos de heroísmo, de angústias, de sentimentos, onde a memória e o silêncio parecem, assim, coabitar entrelaçando-se e desfazendo uma dicotomia que solamente revela uma aparência e não desvela a essência do fenômeno tematizado nessa obra.

O Prof. Doutor Vasconcelos entrelaça dialeticamente teoria e empiria desde as primeiras elocubrações e análises. Dessa forma, consegue deixar o leitor com a sensação - e mais ainda uma real e palpável evidência - de uma leitura extremamente prazerosa, pois todo o encadeamento teórico que se requer a uma tese acadêmica de valor é explicitado com uma suavidade e uma leveza de um narrador que toma para si, a riqueza dos depoimentos dos militantes de esquerda e familiares relacionando-os com uma vasta teoria. Com efeito, VASCONCELOS produz um vigoroso e original escrito mnemônico por demais elucidativo dos subterrâneos da memória da esquerda e da história recente brasileira.

A obra divide-se em três capítulos assim distribuídos e respectivamente nomeados: *Cultura Política e Memória no Brasil Autoritário*, *Memória e História*

¹ Sociólogo e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da FAGED/UFC

no Brasil Autoritário, Memórias de Passagem: reconstruindo a experiência dos cárceres políticos.

No primeiro capítulo, o autor tece considerações preliminares a respeito das representações que engendraram a cultura do medo na vida dos militantes e no seio de suas famílias. VASCONCELOS assinala que, concomitantemente a esse fenômeno da cultura do medo, estabeleceu-se uma cultura de resistência simbólica, que encontrou refúgio na memória produzida subterraneamente. Lá, nesses vastos palácios de memória, numa perspectiva de multiplicidade mnemônica foram armazenadas lembranças coletivas de fatos e eventos a serem selecionados em momentos adequados para cada um dos militantes e de seus familiares.

VASCONCELOS, no capítulo seguinte, discute a memória e a história do Brasil nos anos rebeldes. Nele o autor demonstra que a memória mesmo sufocada e asfixiada pela extrema violência - como fora o caso daquela época - consegue manter-se na clandestinidade e na marginalidade, que abarca a família e o círculo de amizades, produzindo estratégias para pôr em relevo as lembranças, simbolicamente necessárias, cuja relação com a violência, a dor, e com o heroísmo estão umbilicalmente implícitos. O ato de lembrar e o que selecionar nessas memórias recuperadas ante a memória oficial revela o caráter de disputa mnemônica entre as memórias, objeto tematizado por Pollak sobre a trágica-histórica experiên-

cia dos hebreus nos campos de concentração nazistas.

No último capítulo, o autor aborda a reconstrução da memória dos militantes dentro das prisões. VASCONCELOS aponta de início a selvagem violência infligida aos militantes de esquerda, no momento do aprisionamento e de duras torturas nos interrogatórios. Destaca, ainda, a relação estabelecida entre a memória e a noção de experiência desenvolvida no interior dos cárceres. Em resumo, as estratégias de sobrevivência num ambiente onde o medo, a violência faziam parte do ritual de passagem do militante político; mas que também foi o *locus* de canções e poesias a simbolizar a resistência desses bravos (a)s mulheres e homens-heróis brasileiros.

Conclusivamente pode-se afirmar que em *Memórias do silêncio* ... VASCONCELOS, além de oferecer ao público leitor uma relevante produção sociológica de incomensurável valor histórico, apresenta com o seu estudo, avanços teóricos significativos à discussão levada a efeito por Pollak sobre a *memória subterrânea*, ao propor a noção de *memória envergonhada* (delatores, fugitivos); *memória proibida* (ações de justiçamentos entre militantes); *memória gloriosa* (militantes heróicos sobreviventes-torturados); e *memória ressentida* (familiares e militantes que se acham injustiçados pela História e pela própria esquerda). Há que se considerar igualmente como digno de nota, pela relevância, o belíssimo e sensível registro iconográfico das páginas derradeiras.